

UMA REFLEXÃO SOBRE A CORPOREIDADE: CÂNTICO DOS CÂNTICOS E POESIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Flávia Luiza Gomes
Mestre em Ciências da Religião
e-mail: lgflavia@hotmail.com

Resumo:

A comunicação propõe refletir sobre a corporeidade no diálogo entre teologia e literatura por meio do Cântico dos cânticos e poesia contemporânea brasileira. A análise da tendência da religião em conservar sua postura moral e legalista quanto à sexualidade em contrapartida a novos questionamentos sobre a experiência de Deus na vivência do amor erótico-afetivo traz apontamentos sobre a compreensão e vivência do corpo. Numa leitura fundamentalista, a religião pode se ancorar na Bíblia fazendo uso de textos como os conformados no período pós-exílico no qual ocorre a implantação de um modelo moralista, legalista. O corpo, a sexualidade, é usado para eliminar o convívio dos homens judeus com mulheres de outros povos. Especial atenção é dada à Lei da pureza onde o mais atingido é o corpo. Nessa época em que o amor humano, com toda sua sensualidade e sexualidade é relegado ao nível profano, surge o Cântico dos cânticos numa nítida contestação e resistência que se conforma num modelo erótico-afetivo centrado no corpo, no desejo e prazer, como plena realização do amor que é chamado de “labareda de Javé”. Atualmente os questionamentos podem ser exemplificados e assemelhados na poesia brasileira como na escrita de Adélia Prado que contesta: “nisto consiste o crime, em fotografar uma mulher gozando e dizer: eis a face do pecado. Por séculos e séculos os demônios porfiaram em nos cegar com este embuste”. A reflexão aponta para a necessidade de uma pastoral que não prescindia a reflexão sobre a corporeidade. E não oblitere sua vivência em todas as suas facetas considerando que o sentido espiritual do Cântico está em sua literalidade.

Palavras-chave: Corporeidade. Teologia. Poesia. Vivência.

Introdução

Numa leitura fundamentalista, a religião pode se ancorar na Bíblia fazendo uso de textos como os conformados no período pós-exílico no qual ocorre a implantação de um modelo moralista, legalista pelo poder sacerdotal que assume o governo em Jerusalém sob o domínio Persa. A sexualidade é usada para eliminar o convívio dos homens judeus com mulheres de outros povos. Especial atenção é dada à Lei da pureza e nisso tudo o mais atingido é o corpo.

Nessa época em que o amor humano, com toda sua sensualidade e sexualidade, é relegado ao nível profano, surge o Cântico dos cânticos, numa nítida contestação e resistência

que se conforma num modelo erótico-afetivo centrado no corpo, no desejo e prazer como plena realização do amor que é chamado de “labareda de Javé” (8,6).

1 Cântico dos cânticos, poesia brasileira: um grito de resistência

1.1 Autoria do Cântico dos cânticos

O Cântico se apresenta como obra de Salomão, e assim foi entendido pela grande maioria dos leitores da Bíblia. Entretanto, uma análise do seu conteúdo e vocabulário mostra que ele foi composto muito tempo depois do reinado de Salomão, entre os séculos V e III a.C., ao passo que Salomão reinou no século X a.C. O “de Salomão” pode ser entendido como dedicatória ou atribuição tradicional, pois Salomão foi uma espécie de patrono da sabedoria.

1.2 Contexto histórico

Por meio do rei da Pérsia, Ciro, o império babilônico foi subjugado em 539 a.C. Os judeus que desde o ano de 597 a.C. começaram a ser deportados para a Babilônia como cativos, recuperaram a liberdade podendo regressar a Jerusalém com a derrocada dos caldeus. O afã, portanto, era retornar à pátria para reconstruir a cidade, o Templo e suas moradias, enfim voltar para casa no arcabouço do sonho da liberdade.

Debaixo da dominação persa, todos os povos repatriados, e não apenas os judeus, puderam novamente se reestruturar quanto à religião e costumes, porém não em relação a uma independência político-econômica.

Nesse regresso possibilitado do exílio, a liderança nacional dos judeus ficou nas mãos dos sacerdotes, que passaram a reestruturar a sociedade em torno da Lei e do Templo, regulando todos os setores da vida do povo. As regulamentações derrocaram na implantação de um modelo moralista e legalista pelo poder sacerdotal que assume o governo em Jerusalém aproximadamente entre 450 e 400 a.C. (Esd 4).

Especial atenção é dada à lei da pureza (concentrada no livro do Levítico), principalmente por dois motivos: o primeiro era assegurar a separação dos estrangeiros, principalmente das mulheres estrangeiras, a fim de evitar a contaminação da raça. O segundo motivo, com interesses políticos e econômicos, visava estratificar a sociedade judaica em termos de puro-impuro, ou seja, estabelecer critérios para julgar quem estaria mais próximo ou mais distante de Deus. Quem não estivesse em dia com as exigências da Lei, tinha que oferecer sacrifícios e ofertas no Templo para se purificar. Os sacrifícios custavam caro e os pobres permaneciam impuros ou se endividavam para conseguir a purificação.

Nenhum aspecto da vida, incluindo a sexualidade, escapou do controle do estado religioso onde as relações sexuais são regulamentadas do ponto de vista legal ou moral e não pelo amor e prazer. Nesse viés, o corpo passa a ser visto com desconfiança embutindo a ideia da sexualidade como uma espécie de tentação que para ser rechaçada culmina-se na proibição da nudez (Lv 18:19; 20:11ss).

É nesse período que aparece e se codifica a definição de mulher impura, o que desencadeia um processo cujas consequências são sentidas ainda nos dias atuais. Com a Lei da pureza como centro das regulamentações o mais atingido foi o corpo e em especial o corpo da mulher, que, simplesmente por ser mulher, era impura, isto é, pecadora.

O livro de Levítico, veiculado para a finalidade da legitimação ideológica dessas práticas, apresenta as várias formas de impureza: a mulher é impura quando tem fluxo de sangue, seja por menstruação ou hemorragia, permanecendo em impureza por todo tempo em que tivesse a perda de sangue (Lv 15:19-25). Concomitantemente, tudo o que ela tocar ou quem nela tocar, enquanto com o fluxo de sangue, se torna impuro também (Lv 5:20; 15:21-22). Ainda segundo o livro de Levítico a mulher é impura quando dá à luz (em Lucas 2:22-24 pode-se visualizar essa vivência por parte de Maria.) observando uma diferença para a quantidade de dias dessa impureza dependendo do sexo do bebê: se for menino a mulher fica impura por 40 dias, mas se menina a impureza se prolonga para 80 dias. Durante este tempo a mulher ficava afastada do Templo, e, após, deveria apresentar sua oferta para ser purificada (Lv 12:1-8).

Ampliando a abrangência dos quesitos para a impureza, o ato sexual, tornava o homem e a mulher impuros por um dia (Lv 15:18). A lei da pureza atinge, assim, diretamente a relação erótico-afetiva bem como se mostra relegando o corpo a um estágio inferior, profano e indigno em todo seu aspecto humano em suas próprias funções. O controle sobre a vida das pessoas se impõe intimamente pela religião.

Dessa realidade, no entanto, não haveria como a mulher escapar. Menstruação, parto, vida sexual, faz parte da condição de ser mulher que, por sua vez, por si só, passa a ser razão de impureza. Em Levítico 15: 1-18 há também descrições sobre as impurezas do homem, mas neste caso elas são exceções e se referem a doenças e não enquanto à condição de ser homem. Ao contrário do caso das mulheres, onde as funções normais do seu corpo são designadas por impurezas. Dessa maneira, a mulher, só pelo fato de ser mulher, é impura.

É nesse contexto que o sentido do Cântico deve ser avaliado e apreendido. Sua ênfase na beleza e grandeza do corpo liberta as pessoas das cruéis exigências da Lei de pureza. A importância que o livro atribui à mulher (a maioria dos poemas são colocados na boca da

mulher; é ela quem toma a iniciativa para o amor) é um grito de libertação do sexo feminino ferozmente subjugado nesse contexto.

O grito de resistência por excelência a respeito da vivência do amor erótico afetivo como uma experiência de Deus, o Cântico dos cânticos, “sai da boca de uma mulher amante, de uma mulher amada. O grito da paz alcançada com a entrega até o fim, até o desfalecimento, à pessoa amada, na busca do que faz linda a vida: o sono restaurador depois do amor feito com paixão e sofreguidão (RIZZANTE, 1995, p. 80).

1.3 Recepção do Cântico na poesia

Bem como é possível observar os reveses de tamanha construção social discriminatória em relação ao corpo e atingindo principalmente a mulher, também há, nitidamente, a recepção atual do mesmo grito de resistência do Cântico à opressão da mulher que oblitera sua feminilidade, sensualidade e sexualidade. Podem-se ouvir os ecos do Cântico na poesia brasileira contemporânea, como na voz de Adélia Prado que para início de conversa, afirma publicamente em entrevista: “penso todos os dias em sexo, na morte e em Deus”. (CONCEIÇÃO, 2005). E em seu poema “O modo poético, a afirmação transforma-se em fato: “(...) é em sexo, morte e Deus/ que eu penso invariavelmente, todo dia” (PRADO, 1991, p. 77). Sem dúvida, à semelhança de Cantares, a poesia de Adélia, entre outras, oferece novos paradigmas para a compreensão de Deus, do corpo e da sexualidade na vida concreta das mulheres e do modelo religioso a respeito do amor erótico-afetivo. Arvora-se descaradamente às avessas da tradicional teologia cristã que impõe modos de ser e de pensar que condicionam e castram na vivência da sexualidade e sensualidade na relação celebrativa do amor.

A mulher relegada a um lugar de submissão e subordinação às regras relativas à sexualidade, como bem intenta e modela a lógica do poder patriarcal, recebe na voz de Adélia a vez de questionar os meandros dessa teologia tradicional em sua negativa do prazer do corpo e da sexualidade, construindo uma abordagem sobre Deus que destoa da convencional.

Nas teologias cristãs, de modo geral, existem silêncios sobre as temáticas relacionadas ao corpo, corporeidade, sexualidade. A presença dessa tríade nas abordagens teológicas ou doutrinárias se faz sempre numa veiculação ao pecado. Isso fez perpetuar no imaginário cristão a noção do sexo como pecado e do corpo como lugar de impureza, feiura e maldade, logo, pecaminoso, levando a negação do caráter sagrado do prazer, que por sua vez é vislumbrado como transgressão, pecado, ilegítimo.

Em Adélia, vê-se a reescrita de uma “teologia” que relaciona sexualidade, o corpo, com a experiência religiosa. Sexo e Deus, para a poetisa, são elementos conjugados, que se misturam e não estão divididos, dualisticamente, entre bem e mal. Insta ressaltar a desenvoltura com a qual Adélia entrelaça tais temáticas, ao contrário do embaraço, quiçá, bastante nítido, quando se trata dos estudos teológicos sobre sexualidade, corporeidade e a divindade mesmo com as premissas apresentadas e magistralmente orquestradas com ousadia no livro sagrado Cântico dos cânticos.

Na poesia de Adélia, há elementos que configuram transgressão e resistência às concepções negativas praticadas pelo cristianismo em relação às mulheres. Adélia é uma mulher que questiona o seu tempo e reage com a poesia, como reagem as teólogas, como reagem muitas mulheres inclusive a amada do Cântico que personifica a mulher oprimida e relegada à impureza por ser mulher. Pela poesia, ela se declara salva, ou seja, livre da opressão exporá toda sua liberdade de ser numa proposta libertária de fazer a experiência de Deus.

No entanto, repito, a poesia me salvará. / Por ela entendo a paixão / que Ele teve por nós, morrendo na cruz. / Ela me salvará, porque o roxo / das flores debruçado na cerca / perdoa a moça do seu feio corpo / Nela, a Virgem Maria e os santos consentem / no meu caminho apócrifo de entender a palavra / pelo seu reverso, captar a mensagem / pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos. / Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos, / porque temo os doutores, a excomunhão / e o escândalo dos fracos. A Deus não temo. / Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida / da brutalidade das coisas? (Guia) (PRADO, 1991, p. 61).

2 A pureza de ser mulher

2.1 A mulher tem a iniciativa e assume seus desejos:

O Cântico dos Cânticos irrompe, sem titubeios, expondo toda sua resistência ao moralismo e legalismo religioso de sua época. A amada mostra-se ousada convidando seu amado ao amor em erotismo efervescente. A mulher, portanto, contra uma cultura e a opressão religiosa, outorga-se legitimamente na iniciativa para o encontro amoroso em nada pudico e totalmente despido de recato.

Que me beije com beijos de sua boca! / Teus amores são melhores do que o vinho, / o odor de teus perfumes é suave, / teu nome é como óleo se espalhando, / e as donzelas se enamoram de ti... / Arrasta-me contigo, / corramos! / Leva-me, ó rei, aos teus aposentos / e exultemos! / Alegremo-nos em ti! / Mais que o vinho, / lembraremos teus amores! / Com razão se enamoram de ti... (1:2-4)

O poema é marcado, como os que seguem, pelo tom de ternura apaixonada que dominará toda a coleção. O livro inicia-se de forma abrupta, em clima de total erotismo e passionalidade dando lugar a algo inédito para aquele tempo, pois discorre de um convite para o amor erótico fruto da iniciativa da mulher que livremente expressa seu desejo pelo amado, com intensidade e sem limites, tabus ou restrições.

Esse instante de deleite e contemplação por parte da amada, que deseja os beijos, amores, cheiro e simplesmente o prazer de falar sobre o amado, conduz a uma ação urgente, mas, não menos esperada como trajetória audaciosa e intrínseca à embriaguez da paixão.

O desejo latente se escancara com toda passionalidade na iniciativa da amada por meio de um convite nada encabulado para que seu amado corra juntamente com ela ao lugar íntimo. Corramos depressa para um lugar retirado e íntimo, um aposento! Esse é o convite da amada, que não se mostra convencional, mas impelida pelo sentimento que parece a tudo relativizar por sua supremacia e que faz felizes os que percebem e valorizam a dádiva do amor e não deixa de vivê-lo nem mesmo pela implementação de um moralismo regado à ideologia religiosa. Para essa amada que subverte a ordem, o aposento é como o recipiente do precioso conteúdo do amor. Conteúdo que urge que tem pressa, por se derramar, por se conformar e consumir.

O prólogo como porta de entrada para o livro propõe grande ousadia. A legitimidade de a mulher tomar a iniciativa para o amor até hoje pode causar estranheza. E a isso acrescido de todo erotismo em plena embriaguez de vinho, perfume e óleos se espalhando, amor que busca o secreto, a intimidade, e exulta. É, entretanto, apenas o começo.

No poema “Casamento”, como em Cântico, Adélia apresenta uma mulher que tem a iniciativa para o sexo como indivíduo atuante dizendo sim ao prazer com o amado.

“Há mulheres que dizem:/ meu marido, se quiser pescar, pesque,/ mas que limpe os peixes./ Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,/ ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar./ É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,/ de vez em quando os cotovelos se esbarram,/ ele fala coisas como ‘este foi difícil’/ ‘prateou no ar dando rabanadas’/ e faz o gesto com a mão./ O silêncio de quando nos vimos a primeira vez/ atravessa a cozinha como um rio profundo./ Por fim, os peixes na travessa,/ vamos dormir./ Coisas prateadas espocam:/ somos noivo e noiva”. (PRADO, 1991, p. 252).

Na imagem do pescador, que evoca os discípulos de Jesus, e do peixe, que é símbolo dos cristãos, é perceptível a associação do homem e da mulher como um ritual religioso. A cozinha se transforma no local da liturgia que acolhe o homem e a mulher que estão em comunhão num ritual que tem seu ápice no sexo na cama no clímax do prazer: “Coisas

prateadas espocam”. Adélia insinua quanto de religioso e divino tem a união erótica afetiva a partir da alusão a símbolos sacros cristãos.

O sexo é partilhado, homem e mulher estão no mesmo nível, pois a relação só acontece pelo desejo dos dois. Mas há uma ressalva significativa na escolha dessa mulher que decide dizer sim. Sobre ela está a primazia da ação que desemboca na religiosidade do momento que conduz para um final de verdadeira celebração, onde, juntos, homem e mulher atingem o orgasmo. Não há submissão, pois a mulher faz porque quer e a cumplicidade entre os dois evidencia-se também no ato de descamarem os peixes juntos e não apenas a mulher trabalha na cozinha. Cumplicidade que se estende à relação sexual. É por causa dessa mulher autônoma que decide pela iniciativa de dizer sim enquanto outras diriam não, que o momento se desenrola. Sem o consentimento e iniciativa da mulher de se levantar a qualquer hora da noite para “escamar, abrir, retalhar e salgar”, não haveria noivo e noiva, mas provavelmente, uma história bem menos erótica.

Há nesse poema uma força feminina atuante, ao contrário do que normalmente existe: passividade e resignação ou ainda a obrigatoriedade da negação e a conseqüente revolta e descontentamento imputado pelo imperativo paradigma da mulher contida. Adélia, como o prólogo do Cântico, apresenta uma mulher que transgride, pois não hesita em ir atrás dos seus desejos e é responsável pelo erotismo do momento. A beleza no sim desta mulher está no aspecto de não ser um sim imposto por modelos externos, por teorias masculinas, pela moral construída sob-bases que limitam preconceituosamente a mulher em seu ser. Este sim expressa a postura da mulher que assume a construção de sua história fluindo na autoria de sua própria vida sem limites aos fluxos da vida na mulher. “Hoje é sim, amanhã pode ser não, porque amanhã é outro dia fora e dentro de si mesma”. (STEINER, 2005).

Essa mulher autônoma, que sabe quando quer e como vivenciar o que deseja entendendo-se enquanto indivíduo sexual que não refuta de si mesma esse direito, é de igual modo, descrita por Maria Lúcia Dal Farra (1994) no belo poema “Culinária”:

Deito a manteiga na panela/ e entremeio/ (ao calor do fogo)/ os temperos./ O alho desprende aromas/ e/ amarelo/ empresta à cebola a parte de que/ carece/ na imensa analogia dos cheiros/ nem salsa, nem coentro!/ Invade já a casa/ o sabor da lembrança futura.

A comida é o dispositivo usado pela mulher de Dal Farra para levar o homem que deseja para a cama, pois a escolha dos alimentos é que determina o instante do erotismo. Ela tem a iniciativa, é responsável por preparar com detalhes os entremeios das preliminares deitando a manteiga na panela e...

A imagem criada pela poetisa faz referência ao ato sexual: “a manteiga derretendo na panela caracteriza a lubrificação, o órgão sexual se apresenta quente, e o alho (o masculino) penetra a cebola (o feminino) e ambos tornam-se unos” (VITAL, 2009). A salsa e o coentro que geralmente são utilizados para aliviar o hálito de alho e cebola não conseguem inibir o cheiro que exala pela casa. Cheiro que alude ao prazer na união do homem e da mulher no sexo que não pode ser contido.

Conclusão

Num tempo em que a mulher era desprezada e reprimida socialmente, com a anuência e a conformação pela própria Lei de Deus, o Cântico explode num elogio a ela, revelando toda a sua beleza, valor, legitimando a vivência plena de suas funções enquanto mulher outorgando-lhe o prazer em sua sexualidade.

O anseio do Cântico em restaurar a dignidade da mulher e sua plenitude em poder perceber-se mulher, com leveza no sentido literal, não é difícil, a modos similares na intencionalidade, de se averiguar em guarida na poesia contemporânea brasileira.

A força atuante outorgada à mulher por esses poemas que transgridem a Lei de Deus deve ser compreendida no âmbito de que a mulher tem o direito de escolha no contexto sexual, bem como de assumir seus desejos, vivenciá-los livre dos estigmas pecaminosos imputados a essa experiência como distanciamento de Deus.

O artigo vislumbra a necessidade da veiculação da temática nas pastorais para promover a eliminação de comportamentos repressivos e pautados em equívocos em suas bases. Uma pastoral que não veicule a pureza e a sacralidade no distanciamento da vida e das realidades concernentes ao humano

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

ANDINACH, Pablo. *Cântico dos Cânticos: o fogo e a ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *Livro de Auras*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

GALLAZI, Sandro. *Ensaio sobre o pós-exílio: mecanismos de opressão; a resistência da casa e da mulher*. 2ª ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. *Entrevista: conversas com a escritora Adélia Prado sobre a interface teologia e literatura*. Belo Horizonte, 15 de fev., 2005. Entrevista concedida a Douglas Rodrigues da Conceição.

RIZZANTE, Ana Maria. Eu serei para ele como aquela que dá a paz: uma chave de leitura do Cântico dos Cânticos. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, Petrópolis, n. 21, p. 78-88, 1995.

STEINER, Neusa Cursino dos Santos. *A poesia de Adélia Prado: Religião, tradição e transgressão*. Disponível em::

<<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/NEUSA%20CURSINO%20DOS%20SANTOS%20STEINER.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

STORNILO, Ivo. *Como ler o Cântico dos Cânticos: o amor é uma faísca de Deus*. São Paulo: Paulus, 1991.

STORNILO, Ivo. *O mistério do amor humano: o mais belo cântico de Salomão*. São Paulo: Paulus, 2003.

VITAL, Egberto Guillermo Lima. *Segredos culinários: da mesa para a cama*. Disponível em: <http://artigocientifico.com.br/uploads/artc_1250538032_41.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.